



Encontros de narrativas entre Oswald de Andrade e Walter Benjamin

Cristina Maria da Silva

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Avenida da Universidade, 2853, 60020-180, Fortaleza, Ceará, Brasil.
 E-mail: crimasbr@yahoo.com.br

RESUMO. Adentramos nos mosaicos da condição humana que perpassam a obra de Oswald de Andrade (1890-1954) e Walter Benjamin (1892-1940). Propiciamos nos labirintos de nossas escrituras encontros (im) possíveis entre os dois escritores, em suas concepções de crítica, leitura, escrita e de uma reeducação do olhar diante da vida. Em ambos, nenhuma certeza consoladora, em seus relatos o ensaio constante diante da vida e as reservas diante dos sentidos arbitrários das palavras.

Palavra-chave: narrativas, imagens de pensamento, antropofagia

Encounter of narratives between Oswald de Andrade and Walter Benjamin

ABSTRACT. We think about the human condition that pervades the works of Oswald de Andrade (1890-1954) and Walter Benjamin (1892-1940). We create a possible encounter between the two writers in their conceptions of the critic, the reading, the writing and reflection about others point of views about the reality. In their elaborations, there is no comforting conviction, but only the constant look at the life's changes and the arbitrary meaning of the words.

Keywords: narratives, thought-images, anthropophagy

Introdução

Através das palavras, podemos tecer um pouco do que somos, fragmentos do que lemos e ouvimos. Nelas somos escribas de nós mesmos, tentando dar rosto e corpo às ausências do que desconhecemos. Assim, adentramos nos mosaicos da condição humana que perpassam a obra de Oswald de Andrade (1890-1954) e Walter Benjamin (1892-1940), embora nos afastemos das 'explicações' e nos coloquemos antes numa postura de 'implicação' diante de suas 'imagens de pensamento'.

Explicar significa retirar as dobras, as pregas (*explicare*) da opacidade humana, buscar o porquê das coisas e desencantar o que é observado. Mas estar implicado é encantar-se. "As 'dobras' são preservadas pelo que são, nichos nos quais a parte da sombra, individual ou coletiva, pode encontrar refúgio. Reencantamento do mundo" (Maffesoli, 2004, p. 105-106, grifo nosso). Nas Ciências humanas como nas Letras enfrentamos um mundo permeado por diagnósticos de 'crises' e desgastes. O intelectual não é mais visto como aquele que tem as palavras para remediar os males do vivido, nem nele se abriga a inspiração coletiva para gerenciar e lidar com eles. Contudo, mesmo como uma figura descentralizada diante dos conflitos contemporâneos, ainda é o

intelectual quem nos auxilia a lidar com a 'construção de ficções' diante das alteridades. Seu papel público ainda é "[...] o de *outsider*, um 'amador' e um perturbador do *status quo*" (Said, 2005, p. 10, grifo do autor).

Para Said, os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar quando escrevem, falam, ensinam. No entanto, Said indaga: Mas até que ponto os intelectuais são servos da realidade que criticam? Até que ponto são seus inimigos? Retomando a discussão de Antonio Gramsci, em seus *Cadernos do cárcere*, sobre o fato de que todos os homens são intelectuais, embora nem todos desempenhem essa função em sociedade.

Said aponta que o intelectual não é simplesmente um profissional sem rosto, ele encarna uma mensagem, ele dá corpo a um ponto de vista para um público. O que ele menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem, pois "[...] o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável" (Said, 2005, p. 27).

Seu objetivo é "[...] promover a liberdade e o conhecimento" (Said, 2005, p. 31). Entre a solidão e o alinhamento, a ação do intelectual está pautada em saber usar bem a língua e saber intervir. Suas palavras mantêm um estado de alerta constante. "O intelectual no sentido em que dou à palavra, não é

nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras” (Said, 2005, p. 35-36).

Tomando essa referência de Said, aproximo tal reflexão das trajetórias intelectuais de dois escritores: Oswald de Andrade e Walter Benjamin. O que suas experiências como intelectuais nos legaram? Será que algo palpável para quem busca, de modo unilateral, uma teoria universalizante? Ou será que o gosto pelo fragmento, pelo prazer dos sentidos nesta *Rua de mão única*, de estar sempre a caminho, não sabendo ainda o que é a vida? Que contemplações nos trazem a antropofagia oswaldiana e as ‘imagens de pensamento’ de Benjamin? São visões que se aproximam?

Seus caminhos talvez nos ensinem em suas escrituras experimentais a sermos docemente teóricos, valorizando os fragmentos que se justapõem conflituosamente na composição do humano. Põem em crise os fechamentos conceituais. Aliam à crítica o olhar sensível e as paisagens das cidades por onde transitam. Além disso, ensinam-nos a descobrir as possibilidades da crítica, vendo-a não como algo que se ajusta a um *status quo* e legitima uma ordem, mas como uma discursividade movediça, inquieta, dando ao instituinte a mobilidade diante do instituído e do canonizado.

Em suas palavras não encontramos vestígios de um corpo teórico homogêneo e pronto para responder a ideais totalizantes. Ao contrário, trazem-nos um corpo textual dilacerado pelo sabor de uma antropofagia do saber e uma devoração amorosa na leitura da condição humana. A crítica assume uma forma devoradora, pois permite colagens, montagens das cenas esboçadas pelas palavras e suas imagens. O leitor encena junto com o escritor, transfigurando e recriando saberes. Dessa maneira:

A análise não precisa necessariamente ser crítica. Também é possível ‘sentir-se em sintonia’, vale dizer, captar, sentir, justamente, a carga afirmativa que move uma época. [...] formular um ‘pensamento do ventre’. Afinal de contas, é lá que está a vida, com tudo, às vezes, contra tudo (Maffesoli, 2004, p. 18, grifo nosso)

Seus trajetos nos trazem uma maneira de contemplar o mundo, crítica e inquieta, que nos faz não somente diferente do que somos, como nos envolve na criação de imagens e no movimento das palavras. Lidam com pluralidades e contradições, não se preocupando com linearidades ou ordenações, lidam antes com as possibilidades de

sentidos e se apropriam de todo e qualquer rastro de pensamento no esboço de suas obras. Nenhuma ideia é ligeira o bastante para que os seus olhos não rastreiem.

Instigam-nos a inquietude com as palavras e com a vida, por isso são passeadores, andarilhos, estrangeiros de si mesmos, na medida em que se envolvem com a chama do conhecimento e nelas consumidos não têm estradas para voltar; têm apenas como bagagem um sentimento de orfandade diante da vida, não pertencendo à razão nenhuma, apenas ao instante em que o pensamento se desvela.

Oswald de Andrade falava sempre de um ‘sentimento órfico’ diante da vida; em Benjamin também não havia nenhuma certeza consoladora, “[...] era um melancólico, porque se sentia condenado a não acreditar definitivamente em coisa alguma” (Konder, 1988, p. 11). Mas na vida desses autores existe uma negociação com esse mal-estar. O percurso de Oswald de Andrade, como também o de Walter Benjamin, é por uma trilha na qual há uma extrema implicação pessoal na escrita, uma entrega total. Ao invés de explicações que comem papel e tinta, ambos buscam as teias de uma narração contemplativa.

A escrita é uma efusão de sentimentos, transfigurados em fragmentos, sendo assim compostos tal como são vistos num fluxo arrebatador e ininterrupto. Pedacos da vida, fragmentos da história, sensações experimentadas, tudo se move diante do leitor, que também encontra espaço para movimentar imagens com o olhar e criar também as suas.

Liberdades Semânticas da Crítica em Oswald de Andrade

Oswald de Andrade apresenta-se nas palavras de modo satírico, com uma voz de lâmina que atravessa a face arbitrária dos valores e moralismos numa crítica arguta das parúsias celestes e terrestres. Sua vida e sua obra nos trazem um mosaico que se movimenta pelo jogo das contradições que observa, absorve e transfigura. Nos seus relatos e mesmo em suas memórias, ele não faz nem retrato de um tempo e menos ainda oferece um conhecimento sistemático dos fatos. Segundo Antônio Cândido:

O autor não procura estabelecer o traçado coerente do próprio eu, buscando a lei da sua conduta na confluência do vivido e do acontecido. Nem tampouco ordenar as impressões relativas a fatos e pessoas num sistema frio de observação. [...] tudo se mistura; o eu e o mundo fundem-se num ritmo de impressão pessoal muito peculiar, em que se perde, por assim dizer, a independência de ambos (Cândido, 1971, p. XII).

É como se em Oswald de Andrade estivesse o menino inconsolável e inquieto diante do mundo que não deixa de fazer birra, que não deixa o adulto se acorrentar pela esclerose das ideias e nem por um olhar petrificador. “Abre o mundo da fantasia, onde se unificam a sua obra e a sua vida como prolongamento, no adulto, do menino que não quis perecer”. “Um escritor que fez da vida romance e poesia” (Cândido, 1971, p. XIV).

Oswald de Andrade (1970, p. 6), no *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, propõe que a ‘Poesia Pau-Brasil’ seja “Ágil e cândida, como uma criança [...]” e seja “[...] o contrapeso de nossa originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica”. Desse modo, colocamos diante de uma nova maneira de pensar ‘livre de todas as catequeses’, aberta, sem adesão a nenhuma fórmula de expressão do mundo, mas apenas sempre em experimentação para ‘ver com olhos livres’. Instiga-nos a uma reeducação sensível para aprendermos a olhar a cultura brasileira em sua própria lógica.

Ainda nos instiga a um profundo questionamento da língua, pensando-a: “[...] sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (Andrade, 1970, p. 6). As andanças de pensamento de Oswald são impulsionadas por ‘um instinto antropofágico’ liberado não somente por um ‘espírito nacional’, mas por uma ‘catarse imaginária’ da diferença (Nunes, 1970). Seu percurso nos faz ver que pensar é realmente, para além da imitação e da repetição, olhar diferente para aprender olhar diferenças. Instiga-nos para que sejamos:

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem *meeting* cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos (Andrade, 1970, p. 9-10).

O leitor encontra em Oswald de Andrade não um documento nem sistema, mas poesia nascida de um olhar devorador diante do mundo, olhar que cria e se vê (re)criado a cada instante e a cada novo olhar. Como diria Benjamin: “[...] a criação torna a parir o criador” (Benjamin, 1994, p. 277). Tudo se reveste de uma irreverente erudição, tudo é motivo para o riso e para a crítica subversiva. Para Oswald, “[...] a vida é devoração pura” (Andrade, 1970, p. 9-10.). Por isso só uma maneira de ver antropofágica, ou seja, um olhar que mergulhe no outro sem esquecer de si, pode elaborar um conhecimento vivo. Sua leitura antropofágica segue os movimentos de uma

crítica devoradora que transforma os tabus em totens, bem como busca uma descolonização do imaginário. Segundo Nunes, a antropofagia é, simultaneamente:

Metáfora, diagnóstico e terapêutica: metáfora orgânica, inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apresado em combate, englobando tudo quanto deveríamos repudiar, assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual; diagnóstico da sociedade brasileira traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos Jesuítas, e terapêutica, por meios dessa reação violenta e sistemática, contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as manifestações literárias e artísticas, que, até à primeira metade do século XX, fizeram do trauma repressivo [...] uma instância censora, um Superego coletivo. [...] pela sátira, pela crítica, a terapêutica empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalcado (Nunes, 1970, p. XXV-XXVI).

Oswald de Andrade vai ao cerne de nossos recalques de pensamento, contra todo o ‘servilismo mental’, fazendo-nos ver o quanto podemos tomar em nossas mãos as palavras e dar-lhes outras formas, lutar ainda que tendo como arma a própria linguagem, que nos encarcera. Faz com que aprendamos a buscar o olhar do outro, mas sem perder a nossa própria poesia, tecendo nesse encontro devorador o recital poético da condição humana em diálogo com a alteridade.

Sua apropriação da vida se nutre da utopia, como uma “[...] mola propulsora do homem em qualquer tempo” (Andrade, 1990, p. 14). Oswald de Andrade afirma que, por indicação de um professor, leu *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Isso, aliás, foi o que fez “[...] bater na tecla íntima que o alimentava em relação à questão social” (Andrade, 1971, p. 43). Mas também era um ‘estranho leitor’ de Dostoiévski e Nietzsche. Sua imaginação, porém, tinha as marcas dos relatos de sua época no Amazonas, em Recife, assim como das histórias de caçadas perigosas ouvidas do pai e mesmo das histórias de assombrações presentes nas falas das criadas, de suas tias e de outras crianças. Tudo isso fez com que ele, para onde girasse sua curiosidade de criança, encontrasse o mais rico material para sua imaginação e, claro, da própria realidade brasileira.

Oswald de Andrade fala também, constantemente, de um ‘sentimento órfico’ que atravessa sua vida; ele afirma: “[...] tenho horas de profundo abatimento, de luta e de desespero, de consciência da derrota” (Andrade, 1971, p. 15). Ou

ainda: “[...] uma doce angústia me oprime. Quem sabe o futuro porá em ordem tudo isso?” (Andrade, 1971, p. 103). Um mal-estar o acompanha em sua demasiada humanidade e podemos mesmo dizer que essa orfandade é a que atravessa o ser humano em vários pontos de sua estrada pela vida, desamparo diante de um ideal ou de uma pessoa amada. Sobre isso afirma o autor: “Sinto-me só, perdido numa imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu sem me dizer adeus” (Andrade, 1971, p. 137).

No entanto, essa orfandade se transfere também para a realidade coletiva, é o fundamento de tudo o que é humano, antes de todas as parúsias celestes e terrestres para protegê-lo ou torná-lo cativo. Para Oswald, o mundo se divide em sua longa história em cultura matriarcal e patriarcal, ambas correspondendo a aspectos antagônicos: a primeira sendo antropofágica e a segunda messiânica. A seu ver, teria havido uma ruptura do mundo matriarcal pelo patriarcado, o que fez com que o homem tenha “[...] deixado de devorar o homem, para fazê-lo seu escravo” (Andrade, 1970, p. 81). Esse ideal patriarcal, através do messianismo, teria tornado o ser humano cativo das promessas de liberdade de um ‘Deus Supremo’, distribuidor de punições e recompensas, o que o teria afastado da utopia ou de sua face *homo ludens*. Oswald de Andrade é, portanto, inconformado com toda submissão ou vassalagem de pensamento. Talvez por isso seja ainda pouco compreendido, pois sua crítica é sobre esse afastamento do humano de sua capacidade de pensar e enfrentar o seu destino, sem as anestésias de grandes ideais, carregando no corpo as marcas de sua orfandade e não de uma pseudoproteção. Essa orfandade é própria de nossa condição humana.

Nesse sentido, a leitura que Oswald de Andrade faz do marxismo também é diferente, visto que critica o messianismo e os aspectos prometeicos nele incorporados, pela ditadura do proletariado e dos dogmas do Estado soviético. Mas, Oswald, como poeta, reapropria-se do pensamento de Marx, em seus aspectos utopistas, por meio de uma ‘geografia do riso’ que desmascara o estabelecido. Através da utopia ou quem sabe de uma ‘constante lúdica’, Oswald parece nos apontar uma maneira para relativizar as capas ideológicas e institucionalizadas que revestem o sentimento órfico do ser humano, e despidendo-as de sua dimensão celestial, parece-nos nos indicar as possibilidades de forjamos nessa orfandade nosso humanismo.

A contemplação melancólica de Walter Benjamin

Benjamin produz uma escrita em movimentos, na qual o seu pensamento ao mesmo tempo contempla e se metamorfoseia; mas não somente as ideias e sua sintaxe são velozes, isto também ocorre com o acúmulo das inúmeras citações que colhe como leitor voraz.

Talvez sua melancolia contenha sua essência revolucionária, visto que, por conhecer os limites da vida, não tinha como não perceber as injustiças e os pesadelos humanos. Sendo assim, sua apropriação do marxismo tomou uma forma peculiar, pois “[...] combinou-se com a consciência prévia [...] de que era preciso alimentar a esperança de que um mundo bem melhor podia ser criado” (Konder, 1988, p. 11).

Para Benjamin, o marxismo não era um “[...] conjunto conceitual constituído e sólido, mas antes um estímulo ao mergulho na ação, na convicção de que esse mergulho é que lhe permitiria descobrir novas dimensões significativas na realidade que estava empenhado em transformar” (Konder, 2003, p. 166). A luta pela liberdade, em Benjamin, seria, sobretudo, dos explorados pelo capitalismo, mas também de toda a humanidade oprimida. Em sua visão: “Deus está ausente e a tarefa messiânica está inteiramente nas mãos das gerações humanas. O único Messias possível é coletivo, é a própria humanidade” (Löwy apud Konder, 2003, p. 172).

De todas as formas de se obter um livro, ‘escrevê-los é considerado a mais louvável’; e ele afirma ainda que, “[...] na verdade, os escritores não escrevem porque são pobres, mas porque estão insatisfeitos com os livros que poderiam comprar e que não lhes agradam” (Benjamin 2009b, p. 229). Benjamin escreve como um colecionador de fragmentos das experiências. Um leitor inquieto, movimentando-se em todas as direções, aberto à aventura do pensamento, entretido com fragmentos que o fazem nômade, não podendo se sentir acolhido inteiramente em um único lugar. Acaba tendo apenas o pensar como uma forma de realizar, na evocação de suas lembranças, sobretudo da infância, transformadas em poética.

As narrativas da cultura nos deixam somente rastros invisíveis, o que nos faz incessantemente questionar a própria linguagem, uma vez que ela é que traça as formas, as cores, as sombras, as clausuras e, ao mesmo tempo, as possíveis veredas dentro do jogo sociocultural no qual encenamos. Nelas é que nos inscrevemos e narramos como humanos. As palavras tomam configurações distintas dependendo das nossas condições diante delas. Em Benjamin, para as crianças:

As palavras ainda não são como cavernas, entre as quais conhecem curiosas linhas de comunicação [...] o leitor culto ao ler, está a espreita de locuções e palavras, e o significado é apenas o pano de fundo do qual descansa a sombra que elas lançam como se fossem figuras em relevo. [...] o comentário que lhes serve, escolhe palavras de tal texto como se elas tivessem sido fixadas a ele mediante a regra daquele jogo e destinadas à sua dominação. E, de fato, frases que no jogo uma criança forma com as palavras têm mais afinidade com as dos textos sagrados que com as da linguagem corrente dos adultos (Benjamin, 2009b, p. 272).

Oswald de Andrade e Walter Benjamin: encontros possíveis

Um olhar crítico, antropofágico, ‘passeante’ percorre os dois autores, os absorve, não sendo possível voltar, mas somente prosseguir carregando em si um corpo encurvado de poesia, permeado por um sentimento órfico, uma melancolia por muito saber, mas ao mesmo tempo perceber o mundo entremeadado por limites. Oswald de Andrade e Walter Benjamin não apresentam em seus percursos nenhuma ilusão quanto ao marxismo ou qualquer grande ideal, nem percebem que, com a extinção da propriedade privada, a humanidade seguiria de mãos dadas sem contradições e obscuridades. O que eles reelaboram em seus escritos da obra de Marx é sua essência humanista. Caminham deparando-se com o fracasso da linguagem e com o sentimento de que essa desconstrução não nos permite sacralizar nada que nos cerca. Restando apenas seguir sentindo na boca a doçura e o amargo das palavras e das coisas, advindos do êxtase dos instantes efêmeros e da melancolia que encobre o cinza cotidiano.

A percepção do desamparo não quer dizer que não se desvelem também possibilidades de resistências diante da vida; na verdade estas se revelam nos questionamentos da própria linguagem, da própria postura diante de uma forma de pensar errante e iniciática que não encontra abrigo em árvores frondosas e verdejantes e nem proteção do frio e das tempestades. Nas palavras de Benjamin: “As idéias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas. O que quer dizer, antes de mais nada, que as idéias não são nem os conceitos dessas coisas, nem as suas leis” (Benjamin, 1984, p. 56).

A linguagem é o meio que temos para falar, para produzir sentidos, construir a gramática de nossa existência. Mas é preciso que a questionemos sempre. Os efeitos de verdade nela produzidos podem ser suspensos e questionados. Para Oswald de Andrade: “A verdade é sempre a realidade

interpretada, acomodada a um fim construtivo e pedagógico, é a *gestalt* que suprime a dispersão do detalhe e a inutilidade do efêmero” (Andrade, 1971, p. 19).

Talvez seja por isso tão caro a Benjamin a noção de rastros, a possibilidade de compor a vida a partir de seus restos, a partir das marcas dos passos que compuseram um lugar, uma história. Tanto Benjamin como Oswald configuram em suas obras uma dimensão poética da vida urbana, como observadores e participantes dessas experiências, eles as inserem em seus escritos. A experiência vivida não tem um lugar menor na composição de suas obras. Benjamin através de sua ‘montagem literária’, sobretudo, através de citações, de autores como Kafka, Balzac, Baudelaire, Edgar Allan Poe delinea os contornos dessa vida urbana, talvez pelo avesso, traçando possibilidades de outras combinações signílicas para compreendermos a realidade social e histórica.

Seguir os rastros de uma narrativa, nesse caso, a literária, pode ser um caminho para acompanhar os indícios e sinais de uma socialidade subterrânea, que demonstra novas formas de existência tanto individual quanto coletiva. Talvez por isso seja cara a proposição de Benjamin de que o rastro trata de uma proximidade. Esta noção nos coloca diante daquilo que, algumas vezes, é visto como menor ou negligenciável. Mesmo que os passos, os fatos e a proposições e suas influências estejam longe, é possível recuperá-las, é possível tecer relações se estivermos atentos à disposição de seus minuciosos fios. Na concepção de Benjamin: “O Rastro é a aparição de uma proximidade, por mais longínquo que esteja aquilo que o deixou [...] No rastro apoderamo-nos da coisa [...]” (Benjamin, 2009a, p. 490).

Esta proximidade é recuperada, construída. É uma compreensão das configurações da alteridade. Os rastros são deixados, esquecidos, são reconhecidos como tais. Podem se voltar para quem os deixou e ameaçar sua identidade, sua segurança, lembra Gagnebin (2002). Podem decompor uma ordem, mas pedem um ‘faro apurado’.

Lidar com rastros é recompor paisagens individuais e coletivas, deparar-se com traumas, com o que sobra, fazendo com que o narrador se constitua nas ruínas e faça uma transmissão e uma constituição de saberes a partir de cacos: o sofrimento, aquilo que não tem nome, com o inenarrável. Mantendo ‘viva a memória dos sem-nome’, sendo fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Daqueles que:

[...] foram jogados em valas comuns, para queimá-los em gigantescas fogueiras: não poderia restar nenhum rastro desses mortos, nem seus nomes, nem seus ossos. (Gagnebin, 2006, p. 46-47).

Benjamin procura rastros nas paisagens das cidades, na numeração dos imóveis, na disposição das ruas, nos dispositivos de controle social, na memória, nos passos do *flâneur*, nos vestígios burgueses velados nos acessórios guardando a impressão de contato, e, principalmente, na poesia de Baudelaire, na literatura policial de Poe, nas figuras decadentes e nos espaços sombrios de Kafka. Até os nomes das ruas fazem da cidade um “cosmos linguístico.” (Benjamin, 2009a, p. 563).

Buscando compreender as mudanças na cidade de Paris, Benjamin depara-se com o *flâneur* que, como tipo, foi criado por Paris. Este percorre a cidade reinventando seus trajetos, reconhecendo as novas paisagens, rasura as paisagens com os seus passos. “A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. O *flâneur*, sem o saber, persegue essa realidade” (Benjamin, 1989, p. 203).

Balzac (1950) teria plantado sua *Comédia Humana*, sua obra sobre a sociedade francesa, nos contornos topográficos de Paris. A composição da fisionomia de seus personagens em sua obra é tão importante quanto traçar a fisionomia das cidades por onde eles circulam, sobretudo, Paris. Ler Balzac seria percorrer pela narrativa, mas também pela cidade, por sua trama. Personagens e paisagens compoem as ligações entre sociedade e indivíduos. Diante disso, Benjamin indaga:

Não seria possível realizar um filme apaixonantes a partir do mapa de Paris? A partir da evolução de suas diversas configurações ao longo do tempo? A partir da condesação do movimento secular de suas ruas, boulevards, passagens, praças, no espaço de meia hora? Não é isso que faz o *flâneur*? (Benjamin, 2009a, p. 122).

A imagem da cidade aparece associada ao labirinto. Em Jorge Luís Borges (1994) encontramos a associação entre o livro e o labirinto. Aliás, o próprio Benjamin via a cidade que produziu o *flâneur*, Paris, como um “[...] grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena” (Benjamin, 2009b, p. 195). Pelo modo como ela se inscreveu na literatura, nela atua de modo indelével um espírito aparentado aos livros. A cidade e seus habitantes se espelham em ‘milhares de olhos’, nas águas do Sena, nos espelhos e nos recantos envidraçados. Essas alusões mostram-se com trilhas para pensar o leitor como um caçador de rastros. A cidade, o livro e o labirinto se entrelaçam na narrativa da experiência urbana.

A civilização se deixa registrar nos avessos dos espelhos, onde já não é possível ter clareza se estamos saindo ou entrando, portas e paredes se confundem de tão ambígua a clareza que eles promovem na edificação urbana. “[...] Paris é a cidade dos espelhos” (Benjamin, 2009a, p. 579).

A rua é a moradia do *flâneur*. Entre as galerias esse passeante vai contemplando e apreendendo as paisagens na cidade. Nestas caminhadas por calçadas largas ele sente-se em casa. É um observador que percorre vastos domínios, capta as coisas, perdido na multidão apesar do imenso número de pessoas tão perto. Uma fantasmagoria diante do progresso das normatizações cidadinas. “O *flâneur* é um abandonado na multidão. Com isso, partilha a situação da mercadoria. Não está consciente dessa situação particular, mas nem por isso ela age menos sobre ele” (Benjamin, 1989, p. 51).

Com as transformações nas cidades, a iluminação a gás e a numeração dos imóveis serão vestígios do progresso da normatização. Ao relatar o modo de reconhecimento do lugar no bairro de Saint-Antoine, o bairro dos marceneiros, Benjamin lembra que: “Quando se perguntar a um morador desse bairro pelo seu endereço, ele sempre dará o nome que sua casa leva e não o frio número oficial” (Benjamin, 1989, p. 44). A estes registros articularam-se outros como procedimentos de identificação de uma pessoa pela assinatura, a descoberta da fotografia; tudo isso contribuiu para um processo administrativo de controle social. Para o filósofo, um dos que mais prejudicado por estes procedimentos foi Baudelaire.

Fugindo dos credores, metia-se nos cafés ou em círculos de leitura. Aconteceu de habitar dois domicílios ao mesmo tempo, mas, no dia em que o aluguel estava por vencer, pernoitava num terceiro, em casa de amigos. Vagueava, assim, pela cidade, que há muito já não era a pátria do *flâneur*. Cada cama em que se deitava, tornava-se para ele um ‘leito arriscado’. Entre 1842 e 1858, Crépet conta catorze endereços parisienses de Baudelaire (Benjamin, 1989, p. 44-45, grifo do autor).

Benjamin percorre a poesia de Baudelaire, mas interessa-se também pelos romances policiais, percorre as tramas investigativas de Edgar Allan Poe, e nestas leituras podemos recuperar a prática da procura por rastros. Diante do ‘fenômeno da rua’, “[...] a própria multidão londrina aparece sombria e confusa como a luz na qual se move” (Benjamin, 1989, p. 48). Benjamin segue nos contos de Poe: as descrições das inúmeras silhuetas para encontrar ‘o homem na multidão’, observa seus trajetes, a expressão fisionômica; as investigações policiais na solução de um crime, abrindo livros e sacudindo

suas páginas, não deixando nenhum escaninho ou recanto inexplorados. Benjamin lê nas narrativas o que se inscreve na vida, busca nos enredos os rastros de um social que se perde ou se estilhaça.

Em Benjamin, os rastros parecem tentar recompor, através da memória e das lembranças, a experiência, a composição da história, ainda que isto seja pelo confronto com o descontínuo. Ele esteve atento ao esfacelamento e ao mosaico das formas de existência, talvez por sua inconformidade diante da vida, por não ter nenhuma certeza consoladora, mas por ser atravessado por uma melancolia, abstraído das demandas diárias, entregue antes aos materiais pequenos, banais e efêmeros.

Benjamin tinha em comum com Sigmund Freud: ambos se interessaram por um material que era considerado pouco 'nobre'; o fundador da psicanálise se dedicou ao exame dos sonhos, dos 'atos falhos', dos lapsos de expressão, dos chistes, das piadas; e Benjamin analisava a moda, colecionava livros infantis, escrevia sobre brinquedos, fazia experiências com haxixe, dedicava-se à grafologia, observava com enorme atenção a propaganda comercial, os jogos de azar, o estilo dos espelhos, a história da fotografia, o comportamento das prostitutas (Konder, 1988, p. 10, grifo do autor).

Lidar com passos e rastros é também lidar com restos, silêncios, memórias e esquecimentos. Olhar rastros denuncia uma presença sem necessariamente reconfigurar rostos; não transmite uma significação, antes decifra trilhas, passagens e significantes. Os investigadores de rastros podem ser o caçador, o detetive, o arqueólogo, o psicanalista, também o antropólogo, ou todos aqueles que buscam sentidos nos outros, trabalham com escavações de memórias. Mapeiam falas, os vestígios deixados ou esquecidos. Os lapsos, os esquecimentos. Anotam todas as camadas escavadas. Os objetos que encontram diferem: podem ser pistas, cacos quebrados, objetos perdidos, atos fragmentados, lembranças, sonhos ou registros culturais, mas a atividade é a mesma: escavar experiências e imagens. Lapidam incompletudes, removem camadas de terra e detritos de vidas e suas subjetividades, de cidades, suas ruas, narrativas.

Considerações finais

As obras de Oswald e Benjamin não representam, elas presentificam. Forma e conteúdo falam. A forma não é um mero veículo para o conteúdo, toma corpo, tem movimentos próprios, possibilita um jorrar de posses, possibilita uma descolonização do imaginário diante dos modelos prontos, da rigidez dos argumentos e das correntes

de pensamento, que amarram, sufocam a criação, limitando, sobretudo, a leitura e os movimentos do que é diverso e diferente. Ambos são testemunhas que conseguiram 'ouvir a narração insuportável do outro', transmitindo em suas obras o que viveram, o que experimentaram, resguardando uma dimensão poética. Afinal,

Somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (Gagnebin, 2006, p. 57).

O conhecimento como o romance não é indolor; seguir por suas veredas é trazer no rosto, no corpo, suas marcas, mas somente as traz quem esteve no campo de batalha. Na experimentação das imagens do pensamento do Outro é que começam as trilhas para um pensamento iniciático, para o qual, como diz Oswald de Andrade, no *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, não há nenhuma fórmula, apenas 'ver com olhos livres'. Propõe uma 'reeducação da sensibilidade' (Andrade, 1970) através da qual as imagens forjadas pelo pensamento tornem possível uma construção autônoma. Para Benjamin:

A educação não é fomentada exatamente pela observação de 'obras-primas' [...] Cada idéia, cada dia, cada vida jaz aqui como sobre a mesa de um laboratório. E como se fosse um metal, do qual se quer extrair uma substância desconhecida, deve se deixar experimentar até a exaustão (Benjamin, 1994, p. 162, 164, grifo do autor).

A maneira como temos pensado o que seja educar tem sido permeado pela concepção linear de puxar, tirar da animalidade para a civilidade, da barbárie para a humanidade. As trajetórias de Oswald de Andrade e Benjamin são permeadas pela ousadia de seus 'olhares vaga-lumes' lembrando 'uma luz menor' diante da vida e de suas experiências. Talvez até hoje não tenham sido compreendidos, visto que são pensadores que trabalham não com respostas e sim põem o pensamento sempre em risco; tendo o desvio como itinerário, no qual:

Incansável, o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minunciosamente, às próprias coisas. Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo. Ela não teme, nessas interrupções, perder sua energia, assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade (Benjamin, 1984, p. 51).

Experiência etimologicamente quer dizer *ex* (fora), *peri* (perímetro, limite), *entia* (ato de conhecer, aprender). Assim, tomar as experiências é buscar algo, um ato de conhecer ou de aprender a vida, seus rastros e sinais para além dos limites, num lugar fora do já conhecido. Em Benjamin somos conduzidos a seguir pelas margens, por um caminho além dos já conhecidos, na forma e no olhar, mas, sobretudo, aponta-nos que a maneira como conhecemos o mundo é modificada com as profundas transformações no início do século XX. Assim, experimentar o mundo já não é possível da mesma forma, é o que ele nos diz e esse ‘mal-estar’ que sua obra situa.

Narrar já não implica numa formação ou numa coesão direta entre indivíduo e sociedade. As experiências do mundo moderno: um novo sistema econômico, novas formas de organização do trabalho, das tecnologias, das cidades, das guerras; tudo isso trouxe consigo uma nova forma de percepção da realidade. O sofrimento humano entre as promessas do progresso e os tortuosos caminhos de sua realização trouxe uma fratura no narrar, uma impossibilidade entre a narrativa, o conselho, o consolo ou quietude. Não existem mais histórias para serem lidas, ouvidas e seguidas, algo se perdeu. Já não há o lugar onde se dá ou se recebe o verdadeiro conselho, algo no processo de narratividade do mundo se partiu.

Nas palavras de Gagnebin (2009, p. 58-59):

A [Primeira] Guerra consagrou esta ‘queda’ da experiência e da narração; aqueles que escaparam das trincheiras voltaram mudos e sem experiências para compartilhar, nem histórias para contar. A Primeira Guerra manifesta, com efeito, a sujeição do indivíduo às forças impessoais e todo-poderosas da técnica, que só faz crescer e transforma cada vez mais nossas vidas de maneira tão total e tão rápida que conseguimos assimilar essas mudanças pela palavra.

No lugar da palavra o mundo burguês se permeia de objetos: móveis, estofados, tapetes, fotografias, pinturas, estojos, caixinhas, acessórios, signos que lembrarão uma fratura da palavra. Uma biblioteca de signos dispostas nas ruas, nas casas para dar significação ao mundo.

A metrópole será vital para Oswald de Andrade, andando por São Paulo ou Paris ele percebe as agitações sociais da Primeira Guerra, o avanço da eletricidade, com o bonde, o telégrafo e o telefone. O avanço da engenharia mecânica com o aperfeiçoamento automóvel e do avião, com o avanço da química o desenvolvimento da fotografia e do cinema, o surgimento do aço, da pólvora e a corrida armamentista. Avanços técnicos que

mudarão profundamente o nosso modo de olhar o mundo, encurtando distâncias, reordenando a organização social, e que marcam também o seu olhar, que de um lado observa o mundo europeu e de outro a realidade brasileira (Eleutério, 1989).

Oswald e Benjamin impulsionam-nos a sair das teias da explicação para a implicação, ou romper os espaços de um pensamento educador para um pensamento iniciático, isto é, uma maneira de pensar que se põe em experimento, que abre para nós a vereda do ensaísmo e busca um olhar dos povos que nos originaram, bem como o de uma criança ou de um louco (Andrade, 1970), talvez assombrado e incessante diante do mundo. Um pensamento que não se refrata, uma ‘infância do olhar’ (Didi-Huberman, 2011), que não se petrifica, mas se entrega a uma consumação nas chamas e sombras do diferente, de maneira trágica, no qual o incerto, o indefinido não é ignorado e sim incorporado à própria análise.

Dois formas de pensamento que buscam não sedimentar o existente em estátuas, antes quebrá-las e brincar com os pedaços de seus fragmentos na composição de nossas autoimagens sociais e culturais. Relatos, ensaios, fragmentos, crítica, descrição das cidades, imagens de pensamento atravessados pela vida, imagens de uma geografia literária e pessoal. Pensamentos errantes, nômades ou passeantes, que seguem e nos arrastam para uma trilha (in)definida e de passos que precisam se confundir com os nossos, se quisermos realmente não sair ilesos das leituras. Olhares da errância, passeadores, atravessando as cidades de seus sonhos e as transformações e estranhamentos diante das práticas urbanas (sobretudo de Paris, São Paulo), cidades que são “[...] signos, fonte de angústias, promessas, utopias de felicidade, emblemas da fragmentação do homem” (Sousa, 2004). Ambos como paisagistas percorrem as mudanças nas ruas, os bondes elétricos, os postes de luz, as placas de trânsito, as galerias, o *flanêur*. A fisionomia da cidade é considerada como registro que capta os movimentos urbanos. As luzes, as nomeações das ruas, os ruídos aliados ao sonho e a memória dialogam com a caminhada e a crítica.

Escritores que revelam uma angústia perceptível no próprio corpo, este exala imagens desejantes de abrigo e ao mesmo tempo de errância, clamor que se desenham em olhares que pincelam os fragmentos do humano numa poesia profana de contemplação e gozo. O corpo se espalha em Oswald de Andrade, pelo riso, pela paródia, a vida é permeada pelo romance e a poesia; em Benjamin pela melancolia poética das palavras. São como crianças que através de seus escritos se espalham e movimentam-se em

seus corpos de palavras, como imagens embriagadas de conhecimento.

As experiências de vida traduzidas em capturas de teóricos paisagistas, atentos à fisionomia das pessoas e das topografias urbanas, nos colocam diante de percepções que evocam ‘imagens de pensamento’, mas também com ‘experiências de imagens’ nascidas nas migrações pelas cidades, diante das quais os nomes das ruas soam como vestígios e sensações que desnaturalizam a vida urbana. Pensando nas ‘políticas das sobrevivências’ como lampejos de vagalumes e não como uma redenção, como propõe Didi-Huberman (2011), podemos tomar as ‘imagens de pensamento’ praticadas por Oswald e Benjamin como subversões abertas aos paradoxos e figurações com os quais lidamos no mundo contemporâneo. É bom lembrar que “[...] imagem não é horizonte. A imagem nos oferece algo próximo a lampejos (luciolle), o horizonte nos promete a grande e longínqua luz (luce)” (Didi-Huberman, 2011, p. 85).

Tanto Oswald de Andrade quanto Walter Benjamin nos instigam a contemplar as imagens que saltam das páginas da vida, não esperando a voz murmurante das coisas nem nos entregando cegamente aos sentidos arbitrários das palavras. Instigam-nos em seus escritos a pensar a vida nas cidades a partir das experiências, das sensações, dos fragmentos, do olhar numa esquina, das inovações que adentram o espaço urbano e o que elas provocam nos movimentos das pessoas, em seus comportamentos.

Em ambos, a escrita origina-se de múltiplas fontes, na escrivaniinha abrigam-se além dos clássicos, as fatias da vida grafadas nos objetos, nos passos das pessoas, nas lembranças. O pesquisador é como um colecionador, atento aos detalhes, são como ‘fisiognomistas dos objetos, intérpretes do destino’, tendo faro apurado para vincular e percorrer datas, lugares, formatos, encadernações. Desempacotando livros, mas também suas entrelinhas, o que nem se escreveu. Fazendo do ofício de pesquisador um preparo para o ‘faro apurado’, entre escavações e recordações, onde o trabalho da intuição não é menor na construção do pensamento. Uma prática na qual a escavação e os achados não prescindem das narrativas dos contextos onde nos apoderamos das informações. Os nossos escritos podem ser como bons relatórios arqueológicos, onde é possível: “[...] não apenas indicar as camadas das quais se originam os seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente” (Benjamin, 2009b, p. 240).

O fazer intelectual acontece na experimentação da vida, caminhando, olhando a pluralidade dos lugares, das ações e enredos humanos:

Não há nenhuma biblioteca viva que não abrigue, em forma de livro, um número de criaturas das regiões fronteiriças. Não precisam ser álbuns de colar ou de família, nem cadernos de autógrafos ou textos religiosos: muitas pessoas se afeiçoam a folhetos e prospectos, outra a fac-símiles de manuscritos ou cópias datilografadas de livros impossíveis de achar; e com certeza, revista podem compor as orlas prismáticas de uma biblioteca (Benjamin, 2009b, p. 234).

O pensamento também se forma pelas lembranças colhidas nas cidades, na fisionomia das paisagens, das pessoas e nos livros. O pesquisador não lida propriamente com pensamentos, mas com imagens e evocações de lembranças; como um colecionador, nem sempre compreendido, mas que nem por isso deixa de guardar a matéria-prima para compor suas grafias sobre a vida, sobre o que o cerca e sobre o que grafa de si mesmo.

Referencias

- Andrade, O. (1970). *Do Pau Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios* (Vol. 4, 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Andrade, O. (1971). *Um homem sem profissão: memórias e confissões. sob as ordens da mamãe* (Vol. 1, 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Andrade, O. (1990). *O homem e o cavalo* (Obras de Oswald de Andrade). São Paulo, SP: Globo.
- Balzac, H. D. (1950). *A Comédia Humana. Estudos de Costumes. Cenas da Vida Provinciana*. Rio de Janeiro, RJ; Porto Alegre, RS; São Paulo, SP: Editora Globo.
- Benjamin, W. (2009a). *As passagens*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Benjamin, W. (2009b). *Rua de mão única* (4a ed.) São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1989). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1a ed., Obras Escolhidas, Vol. 3). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1984). *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Borges, J. L. (1994). *La Biblioteca de Babel. Ficciones. Fction*. Paris: Éditions Gallimard. Édition Bilingue.
- Cândido, A. (1971). Prefácio inútil. In O. Andrade. *Um homem sem profissão: memórias e confissões. Sob as ordens da mamãe* (Vol. 1, 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Eleutério, M. L. (1989). *Oswald: itinerário de um homem sem profissão*. Campinas, SP: Unicamp.

- Gagnebin, J. M. (2009). Não contar mais? In J. M. Gagnebin. *História e narração em Walter Benjamin* (p. 63-82). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34.
- Gagnebin, J. M. (2002). O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. *Pro-Posições*, 13(3), 39.
- Konder, L. (1988). *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro, RJ: Campus.
- Konder, L. (2003). *Benjamin e o marxismo*. *Alea*, 5(2), 165-174.
- Maffesoli, M. (2004). *A parte do diabo*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Nunes, B. (1970). Prefácio: antropofagia ao alcance de todos. In O. Andrade. *Do Pau Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios* (Vol. 4, 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Said, E. (2005). *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Sousa, I. M. (2004, 7 de agosto). *Notas de aula: Curso de Teorias Críticas Literárias*. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Received on June 26, 2016.

Accepted on April 24, 2017

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.